



[Design] Crítico para quem?

Critical [design] for whom?

Artigo completo submetido a 13 de maio de 2019

Resumo:

Através de uma abordagem imaginativa, que se utiliza do design como um meio para conceber possíveis futuros, o Design Crítico e Especulativo surgiu como um movimento de vanguarda que desafiou os paradigmas modernos. Atualmente, no entanto, questiona-se o potencial da prática dominante em proporcionar alternativas úteis e realmente críticas às questões contemporâneas, para além dos centros desenvolvidos do mundo ocidental. Neste ensaio, serão apresentadas abordagens que tensionam essa suposta incoerência do campo, explorando posições que, ao tratar de questões sociais, políticas, de classe e de gênero, incluam outras diversidades e cumpram legitimamente com os objetivos da disciplina e seus futuros imaginados. Entende-se que um Design Crítico só é possível fora de uma zona de conforto, definindo posições e organizando atividades conectadas com o chamado “mundo real”.

Palavras chave: design crítico; design especulativo; ativismo.

Introdução

O campo do design, associado por décadas a um viés majoritariamente técnico, vem assumindo novos papéis no que diz respeito às suas implicações sociais, políticas e culturais. Fenômenos tecnológicos contemporâneos exigem do design uma posição ativa, que vai além

dos produtos desenvolvidos ou dos aspectos físicos e estéticos dos materiais. Nesse contexto, a prática do Design Crítico e Especulativo é certamente o exemplo mais significativo de tais novos caminhos que o campo pode assumir. Essa vertente crítica do design, proposta pela dupla inglesa Anthony Dunne e Fiona Raby, na década de 1990, é uma atividade discursiva fundada no pensamento crítico e no diálogo que reflete a prática do design e as suas definições pós-modernistas.

Porém, esta prática trouxe-nos duas principais consequências contemporâneas, aqui abordadas. A primeira, remete ao facto de que o design precisa sempre ser discursivo e crítico, ou seja, implica atividade política. Ignorar o facto de que qualquer atividade de design tenha consequências políticas implica em um grande problema da profissão atualmente. O segundo ponto diz respeito ao fator crítico da prática Crítica e Especulativa e o quanto ela está alinhada com questões para além dos centros desenvolvidos do mundo. Estes dois pontos apontam para uma crise no Design Crítico e algumas possibilidades são trazidas para discussão.

Neste ensaio, procura-se refletir sobre a teoria de Dunne & Raby (2013), em paralelo, com outros autores contemporâneos que apontam para uma crise da prática em design: Laranjo (2014) e Mazé (2016) questionam a neutralidade do design supostamente crítico; Oliveira & Prado (2014) e Mitrović (2018) reclamam por um design alinhado ao mundo *real*; e Prado (2014) propõe um caminho para o futuro do design como o Design Especulativo Feminista.

1. Apontamentos sobre Design Crítico e Especulativo

A abordagem do Design Crítico Especulativo expande a prática crítica em direção à imaginação e visões diversas de possíveis cenários futuros. Através da imaginação, de sua abordagem radical e utilizando o design como um meio, a prática especulativa inspira pensamento, aumenta a consciência, examina, abre discussões e tem a capacidade de fornecer alternativas necessárias no mundo de hoje. No panorama do *Speculative Critical Design* (SCD) entende-se o design como meio, não como processo. O objetivo é provocar a compreensão sobre como será o futuro, explorando livremente a imaginação e, de certa forma, ajudando a efetivamente a moldar esse futuro (Mitrović, 2018).

Para Dunne & Raby (2013), o movimento SCD foi mais uma atitude do que qualquer outra coisa, foi uma posição em vez de uma metodologia. Para os autores, essa vertente

crítica do design, em oposição a um design afirmativo, empenhou-se em problematizar, propor alternativas e imaginar futuros mais harmônicos através do design. Foi pensamento crítico traduzido em materialidade

Uma parte considerável dos projetos desenvolvidos no terreno do SCD trabalham articulando visões distópicas de futuros. Para Candy (2009), não há futuro, mas futuros possíveis, futuros prováveis e futuros preferíveis. E é justamente sobre este espaço existente entre a realidade do hoje e as possibilidades do amanhã é que se pode especular através do design, construindo cenários em uma espécie de ficção social conceitual e pedagógica.

Entretanto, torna-se necessário e urgente debruçar-se sobre as consequências da prática em design crítico na contemporaneidade. Como primeiro ponto para esta análise, entende-se que as práticas de SDC têm um potencial extraordinário para a reflexão crítica e também para imaginar (e participar da criação de) possíveis futuros, como afirma Mitrović (2018). Trata-se de um conjunto de técnicas, ferramentas e instrumentos prontos para serem utilizados e adaptados a vários contextos nos quais o designer vive e age. Entretanto, dentro da própria profissão não há uma real percepção da importância da identificação do design como atividade fundamentalmente discursiva, crítica e (auto) reflexiva. Adicionam-se prefixos à prática do design como tentativas de escapar da responsabilidade da profissão de design e do facto de que todo o design precisa ser discursivo e crítico. Como aponta Mazé (2016), as práticas de design não são neutras - há sempre questões crítico-políticas, alternativas e futuros envolvidos. Para a autora:

My perspective is oriented towards “criticality” as it is developing across a range of design disciplines, including vivid discussions in graphics, fashion, architecture, etc., design and a long history of related terms and practices. I argue for the term “critical practices” (rather than the niche term/genre of “critical design”) to characterize what I understand as a more substantial and growing development of “criticality” across design. (Idem, ibidem: 3)

Alguns autores defendem que a componente crítica do design deve estar presente em todas as práticas. Para Oliveira (2016), uma das causas para essa postura deve-se ao facto da falta do cruzamento do design com disciplinas como sociologia, ciência política, antropologia. Assim, somente o SDC torna-se o "ramo político" do design, isentando o resto da profissão de sua própria responsabilidade política. Para Mitrović (2018), o novo contexto exige diferentes métodos educacionais no campo do design. Na maior parte dos casos, abordagens contemporâneas de educação concentram-se apenas nos novos conceitos de mercado e

especificidades da mídia ligadas à mídia digital, sem levar em consideração reflexões da profissão, ativismo político ou consequências das atividades da profissão. Portanto, como afirma o autor, a realização de *workshops*, atividades discursivas e exposições podem ser úteis ao provocar a reflexão sobre o design como profissão, assim como induzir o pensamento crítico e o engajamento no contexto local.

Como segundo ponto da análise, questiona-se a *criticidade* do Design Crítico e Especulativo, ou seja, em que nível o atual papel do SDC fornece respostas para os erros do projeto modernista e materializa visões de um futuro radicalmente diferente em nossas vidas cotidianas. Mitrović (2018) afirma que para que a prática do SDC mantenha o seu papel de vanguarda, é necessário pensar continuamente fora de qualquer tendência, evitar fechar-se hermeticamente em seu próprio mundo – *i.e.* centros desenvolvidos do mundo ocidental –, poder dar um passo à frente e enfrentar o mundo *real* e tentar iniciar atividades reais. Nesta linha de pensamento, para Laranjo (2014) vê chegada a hora de discutir publicamente os meios, os efeitos e, especialmente, a qualidade dos projetos críticos de design, não apenas para celebrá-los.

2. Crítico de um mundo *real*

Como resultados preliminares (e positivos) da crítica externa e da auto-reflexão dentro da prática de SDC, alguns pontos começaram a mudar. Instituições educacionais e profissionais estão examinando novas abordagens e formas de construir projetos. Como expoente deste movimento, a dupla de brasileiros Pedro Oliveira e Luiza Prado (2015) investiga os modos como o colonialismo é inscrito e imposto através da tecnologia e dos projetos de design. O objetivo da dupla, como investigadores e designers, é contribuir para a *descolonização* do SCD, e se afastar do discurso predominantemente ocidental na prática projetual. Para os autores, SCD é uma disciplina que foi teorizada dentro dos países desenvolvidos do norte e praticada, em grande parte, dentro de um ambiente acadêmico, elitista, branco e masculino. Como uma das consequências, SCD conseguiu – em grande parte – ignorar questões de classe, raça e gênero em suas aplicações:

Couples depicted in these near-future scenarios seem to be consistently heterosexual; there is no poverty, there are no noticeable power structures that divide the wealthy and the poor, or the colonialist and the colonised; gender seems to be an immutable, black-and-white truth, clearly defined

between men and women, with virtually no space for trans and queer identities (let alone queer and trans* voices speaking for themselves). From its visual discourse to its formulations of near- future scenarios, SCD seems to be curiously apathetic and apolitical for a discipline that strives to be a critical response to mainstream perceptions of what design is, and what it should do. (Oliveira; Prado, 2015: 2)*

Além disso, nos projetos desenvolvidos falta um alinhamento com o mundo *real*, isto é, para além das fronteiras dos países desenvolvidos, projeta-se sobre a tecnologia onipresente, mas não se leva em conta que a tecnologia não é – e provavelmente não será – acessível a todos no mesmo nível. Descreve-se um futuro com escassez de alimentos e fome¹ num projeto de SCD, mas parece ignorar que esta já é a realidade atual de muitas pessoas ao redor do mundo. Nesse contexto, Oliveira & Prado (2015) afirmam que sua investigação não tem como foco principal a tecnologia em si. Estão mais interessados e preocupados com as estruturas sociais que tornam essa tecnologia possível, ou seja, no mundo que essa tecnologia habita.

Seguindo essa abordagem, é com as pessoas, comunidades e histórias locais que alguns projetos de SCD vêm desenvolvendo a sua crítica real. Como primeiro exemplo, o projeto *Crap Futures*² de James Auger e Julian Hanna, na Madeira, tem como objetivo documentar e melhorar a prática crítica do design em contexto local. Para isso, desenvolveram projetos de caráter social tangível, com aspecto ativo, que pretendem transformar aspetos especulativos do futuro em fatos reais, saindo de uma imaginação sobre um *futuro preferível* e agindo sobre *como realizar esse futuro*. Outro exemplo, *Dash 'n' Dem* concentra o seu trabalho em envolver o público no processo de design através de um método colaborativo. Um tipo de design ativista, a dupla de autores pretende dar voz e poder a indivíduos *comuns*, para que tenham oportunidade de pensar como o mundo os afeta e como é possível reconstruir isso através das ferramentas do design. O projeto tem como foco comunidades locais da cidade e pessoas que já conhecidas pelos autores, pois acreditam que, nessas condições, o foco da mudança possa ser mais assertivo.

O caráter participativo de um novo SCD parece ter potencial no desenvolvimento da prática. Para Oliveira (2016), envolver o maior número de pessoas no processo de design crítico cria narrativas plurais para o projeto. Assim, uma participação ativa de não-designers

¹ Projeto *Republic of Salivation* (2011). Disponível em: <http://www.burtonnitta.co.uk/RepublicOfSalivation.html>. Acesso em 11 de mai. de 2019.

² Disponível em: <https://crapfutures.tumblr.com/>. Acesso em 11 de mai. de 2019.

ao longo da construção, transforma um público passivo em indivíduos ativos, capazes de pensar, imaginar e também de agir no percurso de criação de futuros preferíveis.

3. Caminhos possíveis: Design Especulativo Feminista

Ao mesmo tempo, é preciso olhar para a diversidade das pessoas envolvidas em projetos de SCD. Para Prado (2014), questões de representatividade são um problema em projetos especulativos. A autora questiona se um vídeo ou uma série de fotos sobre um futuro cenário apenas retrata homens brancos, europeus, de classe média, o que isso diz sobre o futuro das minorias? Pois, afinal, como afirma Mitrović (2018), as pessoas com menos influência e poder para projetar o futuro serão os mais fortemente atingidos por tais futuros.

Seguindo essa lógica, Prado propõe o que intitula de Design Especulativo Feminista e refere à interseccionalidade como: “maneira pela qual vários tipos diferentes de opressão podem se cruzar e interagir, definindo a posição social de uma pessoa.” (Prado, 2014: 4). Nesse sentido, propõe um feminismo interseccional como uma abordagem de SCD que visa incitar o pensamento crítico sobre como os objetos eletrônicos propagam a opressão de gênero sob uma perspectiva interseccional. Esta abordagem feminista do design especulativo permite uma melhor compreensão da interação entre as várias facetas da opressão relacionados ao uso de objetos projetados como parte de um “mundo feito pelo homem” (Idem, ibidem: 6).

Os estudos sobre mulheres têm uma longa tradição de resultados de pesquisas textuais. Para Ferreira (2015), a partir dos anos 90, surge a ideia de ciberfeminismo e as suas variações, que podem ser definidas como um conjunto de estratégias estético-políticas-comunicacionais orientadas à cultura eletrônica, sobretudo a internet e a tecnologia digital. Neste momento, surgem pensamentos que remetem ao potencial transformador e emancipador da apropriação de novas tecnologias, nos seus processos mais horizontais de funcionamento, nos novos espaços online a serem ocupados e na desconstrução de categorias pré-fixadas do binarismo de gênero. Isso quer dizer também que a maior parte da produção de conhecimento acontece dentro do âmbito acadêmico de livros, jornais e periódicos.

A opressão é uma experiência real e cotidiana (Prado, 2014), capaz de provocar graves conseqüências na vida daquelas que afeta. Alinhada a esta realidade, a produção acadêmica feminista deve ser acessível e as ideias de interseccionalidade não podem ser difíceis de entender. Nesse sentido, utilizar-se o SCD pode trazer resultados interessantes:

The spontaneously dystopian nature of SCD is particularly suited for approaching such issues: feminist speculative design could focus on questioning the already dystopian nature of the present for minorities, and ask how their futures would be like; through the poetic, subjective and abstract dimensions of the designed artefact, it would challenge observers to question their own roles in maintaining social injustice. (Idem, ibidem: 8)

Assumindo uma forma projetual e especulativa, a produção acadêmica feminista poderia mudar o rumo e realmente provocar uma mudança social. Incorporar a crítica e a teoria feminista em artefatos físicos pode ser uma estratégia útil. Ao mesmo tempo, como esses objetos serão apresentados também é uma questão importante (Idem, ibidem). Isso porque, disponibilizar esses projetos somente em ambientes de galerias e museus também reforça o caráter elitista e restringe o público. Os projetos de Design Especulativo Feminista precisariam ser acessíveis, compartilhados, comentados e questionados para serem culturalmente relevantes e potenciais vetores para mudança.

Essa abordagem é um caminho possível. De um lado, aproxima a teoria feminista de um público que dificilmente teria contato e oportunidade de utilizar-se desses pensamentos. De outro, aproxima a prática SCD de um mundo *real*, que precisa questionar o seu presente e ter papel mais ativo no pensamento sobre seu(s) futuro(s). A proposta de Design Especulativo Feminista certamente não é o único caminho possível para desenvolver um discurso verdadeiramente crítico dentro do design. Mas é inegável o seu potencial para, através de experiências e projetos, questionar, provocar estranheza, desconforto e, por fim, refletir para uma possível mudança.

Conclusão

Ao tratar de comunicar ou especular potenciais cenários futuros, o design tem a vantagem no fato de usar a linguagem visual, que é a atraente para diversos públicos, e que pode atuar fora de uma bolha acadêmica ou profissional mais restrita. Dessa forma, é evidente que o Design Crítico Especulativo tem o poder de fornecer uma crítica social e cultural relevante, e que especular sobre cenários futuros pode nos ajudar a refletir sobre os caminhos que queremos seguir como sociedade.

A questão tratada neste artigo é justamente que cenários, que críticas e que reflexões o SCD atualmente provoca. Há um distanciamento entre a prática e o mundo *real*, para além dos

centros desenvolvidos do mundo. Além disso, SCD precisa de ser responsabilizado por suas posições políticas e sociais, precisa de falar sobre mudança social, precisa considerar a questão de representatividade e trazer mais diversidade, tanto em suas representações visuais quanto profissionais da área. Para além disso, o design não deve ficar imune ao caráter crítico e à necessidade de considerar posições não-alienadas.

Algumas alternativas e caminhos já são possíveis, entre eles o proposto Design Especulativo Feminista. Aproximar a prática de questões sociais urgentes pode ser uma alternativa eficaz para começar a agir no presente e questionar o futuro. Sair da zona de conforto e olhar além do privilégio pode ser útil como exercício para o design tornar-se verdadeiramente crítico.

Referências

Candy, Stuart (2009). *In Praise of Children of Men* (The Sceptical Futuryst blog, April 12, 2008). Disponível em:

<http://futuryst.blogspot.com/2008/04/in-praise-of-children-of-men.html>. Acesso em 11 mai. 2019.

Dunne, Anthony; Fiona Raby (2013). *Speculative Everything*. Design Fiction and Social Dreaming. Cambridge: The MIT Press.

Ferreira, Carolina Branco de Castro (2015). *Feminismo Web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo*. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637329>. Acesso em 11 mai. 2019.

Laranjo, Francisco (2014). *Critical Graphic Design: Critical of What?* Disponível em:

<https://designobserver.com/feature/critical-graphic-design-critical-of-what/38416>. Acesso em 11 mai. 2019.

Mazé, Ramia (2016). *Design practices are not neutral*. Disponível em:

<http://speculative.hr/en/ramia-maze/>. Acesso em 11 mai. 2019.

Mitrović, Ivica (2018). *"Western Melancholy" / How to Imagine Different Futures in the "Real World"?* Disponível em:

<http://interakcije.net/en/2018/08/27/western-melancholy-how-to-imagine-different-futures-in-the-real-world/>. Acesso em 11 mai. 2019.

Oliveira, Pedro; Prado, Luiza (2014). *Questioning the "critical" in Speculative & Critical Design*. Disponível em:

<https://medium.com/a-parede/questioning-the-critical-in-speculative-critical-design-5a355cac2ca4>. Acesso em 11 mai. 2019.

Oliveira, Pedro (2016). *Speculative Design in the "Real World"*. Discussão Pública.

Disponível em: <http://dvk.com.hr/interactions/interakcije2016/publicdiscussion.html>. Acesso em 11 mai. 2019.

Prado, Luiza (2014). *Privilege and Oppression: Towards a Feminist Speculative Design*

Disponível em: <http://www.drs2014.org/media/654480/0350-file1.pdf>. Acesso em 11 mai. 2019.